

A (In) Apropriação do Sistema Ortográfico: Um Inimigo Inexorável

Idalena Oliveira Chaves

Carlos Roberto Porto ¹

RESUMO

A educação brasileira passou por grandes transformações nas últimas décadas e tem alcançado resultados surpreendentes. Não obstante, uma situação inusitada tem se destacado devido aos altos índices de abrangência e ineficiência no cenário escolar do país: a incapacidade de se escrever conforme as regras ortográficas. A cada dia que passa, domina-se menos a ortografia. Boa parte dos alunos, sobretudo do ensino público, tem concluído o Ensino Fundamental sem assimilar o sistema ortográfico. Neste trabalho foram feitas análises dos erros de ortografia, cometidos por alunos do 1º ano do Ensino Médio, que já deveriam ter sido sanados nas séries iniciais, mas que perduram apesar dos muitos anos de escolarização.

ABSTRACT

Education in Brazil has been through many changes in the last decades and outstanding results have been achieved. However, an unusual situation has arisen due to a high level of inefficiency in the educational scenario in the country: the inability to write according to spelling rules. Spelling rules have been less observed each day. A considerable number of students, specially from public schools, have concluded secondary school without mastering the orthographic system. The aim of this paper is to present analysis of spelling mistakes made by students from the first year of high school. Such mistakes should have been fixed in the first school years. Yet, they persist in spite of all the years of education.

Palavras-chave: aquisição e desenvolvimento da escrita; ortografia; gramática.

Key-words: acquisition and improvement of writing, spelling and grammar.

Introdução

O objetivo deste trabalho foi o de verificar o domínio das regras ortográficas por parte dos alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual de ensino do Estado de Minas Gerais; bem como mapear os possíveis erros cometidos por estes, a fim de diagnosticar e propor, se possível, soluções para os problemas apresentados.

¹ Idalena Oliveira Chaves – doutoranda em Linguística- Professora do UniBH

Carlos Roberto Porto –Ex-aluno do Curso de Pós-graduação em leitura e produção de textos do UNBH

O artigo está dividido em duas partes: na primeira, apresenta-se o cenário do estudo da ortografia e os problemas a ela relacionados com alunos em fase inicial de alfabetização e, na segunda parte, analisam-se e apresentam-se os principais resultados da pesquisa.

O Senso Comum e a Língua Pátria

Faz parte do senso comum a afirmação de que a Língua Portuguesa é uma língua difícil. Mais do que isso: a Língua Portuguesa é a mais difícil do mundo. Impressões à parte, sabemos que essa afirmação não se sustenta, mas não há como negar as dificuldades de nossa língua materna.

Talvez, dentre tantas dificuldades, a ortografia seja um dos maiores desafios do nosso idioma. Grafar corretamente as palavras conforme a norma padrão é um problema para os falantes em geral, sobretudo para aqueles que não têm a prática da escrita no seu dia-a-dia, de modo que não é raro surgirem dúvidas quando há necessidade de se escrever algum texto. Muitas vezes, para escrever corretamente uma palavra pouco usual, há que se fazer um esforço de memória, usar analogias ou aplicar alguma regra, a fim de conseguir correção segundo a gramática padrão da língua. Não obstante, espera-se que anos e anos de estudo nos permitam o domínio da ortografia, a ponto de essa não se tornar um obstáculo para os que se ingressam na universidade ou precisem da escrita como um instrumento de trabalho.

O Domínio das Regras Ortográficas

Concluído o Ensino Fundamental, espera-se dos alunos do Ensino Médio o domínio da norma padrão no que diz respeito à ortografia da Língua Portuguesa, mesmo sabendo que o nosso sistema ortográfico causa insegurança até nos falantes com maior proficiência.

Prova disso são os estudos acadêmicos sobre ortografia da Língua Portuguesa, como o de Morais (2000) que apresenta um estudo realizado em escolas municipais de Recife, onde acompanhou o desempenho de alunos das séries iniciais e a performance de professores na condução do trabalho de ortografia. Seu trabalho, bastante didático, mostra o lado de quem aprende e o lado de quem ensina este objeto tão complexo, que é grafar corretamente as palavras de uma língua.

Muitos são os que dedicam esforços sobre o tema em dissertações e teses em nosso país, como os trabalhos publicados em Morais (2005) e a dissertação de Guimarães (2005). Neste a autora descreve e analisa dados de aquisição da ortografia em algumas escolas de Pelotas, no Rio grande do Sul, realizando um estudo a partir dos textos produzidos, de forma

espontânea, por crianças das séries iniciais. Baseando-se em dados da sua pesquisa e de outras já realizadas sobre este assunto, as quais fazem parte das referências arroladas na dissertação, ela demonstra que os erros presentes nos textos derivam tanto das relações que as crianças estabelecem entre o conhecimento fonético-fonológico e o sistema gráfico, quanto daqueles relacionados à estrutura do sistema ortográfico.

Contudo, embora existam excelentes trabalhos sobre a aquisição e desenvolvimento da escrita, esses se restringem à fase inicial da alfabetização, quando a criança se inicia no mundo do saber acadêmico e ainda não tem experiência de escrita nem prática escolar. Infelizmente, não se dá atenção especial aos alunos que estão na fase final de escolarização, que, a essa altura, já deveriam dominar, pelo menos, o que é regular no sistema ortográfico da língua.

Nessa fase final da alfabetização, os problemas de ortografia são vistos como exceções e/ou problemas localizados que necessitam de uma ação diferenciada, conforme a dificuldade apresentada pelo aluno ou pela turma em questão.

Zorzi (1998 : 85 e 86) afirma que:

(...) a primeira constatação que podemos fazer diz respeito a uma tendência observada em todos os tipos de erros. Sem exceção, existe uma nítida diminuição do número de erros, de série para série. (...) Esta diminuição no número de erros que se observa da primeira até a quarta série (...) parece indicar que, progressivamente, as crianças foram apropriando do sistema de escrita; mais especificamente, conseguiram, aos poucos, ir compreendendo aspectos fundamentais que caracterizam a natureza alfabética da escrita.

Isso fortalece a tese de que os alunos do Ensino Médio, pela experiência escolar, já deveriam ter se apropriado do sistema ortográfico. Portanto, ao depararmos com problemas relacionados à escrita, percebemos que há algo de errado no ensino. Lamentavelmente, entendemos que em algum momento do processo educacional houve falhas e o objetivo inicial não foi completamente alcançado; o que nos leva a repensar a nossa prática pedagógica, a descobrir qual (quais) etapa (s) do processo precisa ser revista e a buscar soluções práticas para sanar o problema.

Mas é preciso lembrar que não é no Ensino Médio que as medidas devem ser tomadas. Faz-se necessário solucionar o problema preferencialmente nas séries iniciais ou, quando muito, nas séries finais do Ensino Fundamental.

Um Encontro Inesperado

Diferentemente do que era de se esperar, quando lemos redações de alunos de ensino médio nos deparamos com diversos problemas ortográficos, típicos de alunos em fase inicial de alfabetização. Isso não só contraria as nossas expectativas como também chama-nos a atenção para um fenômeno indicador de problemas na educação básica de nosso país.

Esse problema vem contribuir para o triste cenário brasileiro, já que estudos, pesquisas e avaliações recentes² têm apontado para a ineficiência do ensino brasileiro no que diz respeito à capacidade de leitura e escrita dos nossos alunos e de grande parcela de brasileiros que já concluíram o Ensino Médio.

No entanto, a meu ver, essas pesquisas consideram apenas a escrita sob o ponto de vista da competência linguística na produção de textos coerentes, inteligíveis e adequados à norma padrão de acordo com o contexto em que eles estão inseridos ou, ainda, a capacidade de adequar o discurso à situação discursiva e ao seu interlocutor. Pouco se tem pesquisado sobre os sérios problemas de ortografia de alunos do Ensino Médio. Não se sabe como e nem por que o “erro” ortográfico persiste após longo período de escolarização.

Nota-se que há alunos que, mesmo apresentando certo domínio da norma padrão da língua e conseguindo escrever bons textos, apresentam alguns problemas ortográficos. Restamos saber os motivos que levam esses alunos a apresentarem dificuldades idênticas aos de alunos em fase inicial de alfabetização, pois o diagnóstico correto nos ajudará a solucionar o problema com eficiência.

Aprendizagem da Escrita: um Trabalho Reflexivo

Segundo Zorzi (1998), para a aprendizagem da escrita é necessário um trabalho reflexivo, que envolva múltiplos aspectos como os usos, as funções e a natureza da língua escrita. Considerando o longo período de escolarização, era de se esperar que essa reflexão já fizesse parte do processo de aprendizagem dos alunos do Ensino Médio. Mas nem sempre isso é verdade.

Este autor diz ainda, que a ação do sujeito sobre a língua leva-o em direção à convenção, uma vez que esta pertence a todos e se constrói para possibilitar a interação.

Sendo assim, onde estaria a falha no desenvolvimento da escrita? Será que nossos alunos não agem sobre a língua nem interagem com outros sujeitos?

² PROVA BRASIL e SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica)

É imprescindível descobrir a origem do problema de ortografia de alunos que já passaram pelo processo de aquisição da escrita, mas não conseguiram concluí-lo. O entendimento da lógica do “erro” nos ajudará a solucionar um problema que parece agravar-se com o passar dos anos.

Para isso fizemos uma pesquisa entre alunos do ensino médio fazer um levantamento dos erros ortográficos, mapeando os casos mais raros; buscar recursos para ajudar o aluno a apreender o sistema padrão de ortografia da Língua Portuguesa; propor ações específicas que auxiliem professores na solução dos problemas de ortografia dos alunos do Ensino Médio e verificar a relação entre os “erros” ortográficos de alunos na fase inicial de alfabetização com os dos alunos do 1º ano do Ensino Médio.

A Observação a partir de diferentes registros

Na realização desse trabalho, nos baseamos nos dados apresentados no livro de Jaime Luiz Zorzi, que é resultado de pesquisas com alunos de 1ª a 4ª da rede de ensino particular da cidade de São Paulo, e os comparamos com os de alunos do 1º ano do Ensino Médio, observando se os casos se repetem ou se temos diferentes problemas na representação gráfica desses alunos. Diagnosticado o problema, poderemos propor ações específicas para a sua solução.

Para tanto, fizemos uma pesquisa qualitativa dos erros de ortografia dos alunos do Ensino Médio a partir de dois registros escritos: um ditado de pequenos textos jornalísticos e uma produção de texto dos alunos. Quanto à produção de textos, espelhamos na proposta apresentada pela *Cesgranrio* em um de seus vestibulares. Já em relação ao ditado, escolhemos dois pequenos textos da revista *Época*.

A utilização desses dois registros se justifica por acreditarmos que o ditado é uma situação artificial que pode mascarar o verdadeiro conhecimento do aluno e atrapalhar a observação dos erros, uma vez que o aluno se prepara para fazer o melhor e, às vezes, de forma negativa, acaba tendo um resultado diferente daquele que a espontaneidade nos permitiria. Portanto, uma escrita espontânea nos ajuda a avaliar melhor a conhecimento do aluno.

Os textos selecionados na pesquisa são de alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública estadual, localizada na região norte de Belo Horizonte, na divisa com a cidade de Vespasiano. Trata-se de uma área de risco, em que é muito forte a influência do tráfico de drogas; e os alunos, membros de classe social menos favorecida, formada por

trabalhadores com mão-de-obra menos especializada, estudam à noite e estão na faixa etária entre 15 a 65 anos.

Na avaliação do *SIMAVE - 2006*, a escola ficou abaixo da média estadual, tanto em Língua Portuguesa quanto em Matemática.

Crítérios para Avaliação

Zorzi (op. cit.) apresenta algumas categorias para organizar os erros de ortografia cometidos pelos alunos da sua pesquisa, Cagliari (1989) e Carraher (1990), em trabalhos anteriores, também utilizam uma categorização de erros ortográficos para mostrarem que tais erros têm natureza diferentes e portanto devem ter tratamento diferente pelo professores. Estas categorizações foram adotadas como referência na análise do nosso corpus. Optamos em aproveitar a classificação de Zorzi (1998) acrescentando mais cinco categorias, pois desta forma conseguiríamos contemplar mais desvios da escrita dos nossos informantes e explicar um número maior de ocorrências de erros. O quadro abaixo ilustra as categorias que elaboramos para a classificação dos erros ortográficos. Além dos modelos que tínhamos, das pesquisas anteriores, já citadas, acrescentamos, ainda, o uso *indevido de letras maiúsculas e minúsculas*, *Acentuação indevida*, *falta de acentuação*, *uso indevido ou não-uso do hífen*, *Separação indevida da sílaba e desconhecimento de uma regra ortográfica*.

tabela 1

Categorias empregadas na classificação dos erros ortográficos	
Zorzi – 1998	Este trabalho
1. Representações múltiplas	1. Representações múltiplas
2. Apoio na oralidade	2. Apoio na oralidade
3. Omissão de letras	3. Omissão de letras
4. Junção/ separação não convencional das palavras	4. Junção ou separação de letra não convencional

5. Confusão entre terminações <i>am x ao</i>	5. Confusão entre terminações <i>am x ao</i>
6. Generalização de regras	6. Generalização de regras
7. Substituição de fonemas surdos/sonoros	7. Trocas surda/sonoras
8. Acréscimo de letras	8. Acréscimo de letras
9. Letras parecidas	9. Letras parecidas
10. Inversão de letras	10. Inversão de letras
11. Outras	11. Uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas
	12. Acentuação indevida, falta de acentuação.
	13. Uso indevido ou não-uso do hífen
	14. Separação em sílaba indevida
	15. Desconhecimento de regra
	16. Outras trocas

O Corpus

Dentre os textos de quase duas centenas de alunos do 1º ano do Ensino Médio, selecionamos vinte e cinco redações e vinte e cinco ditados. Os textos, de modo geral, apresentam algum tipo de problema relacionado à ortografia. Poucos são os casos em que os alunos dominam as regras gramaticais, cometendo infrações que representam um problema menos grave ou requeira um esforço menor para sanar as dificuldades apresentadas.

Nessa seleção, tivemos o cuidado de escolher os dois textos dos mesmos alunos, para que pudéssemos observar se os tipos de erros eram recorrentes nas duas escritas; contudo, isso não foi possível em todos os casos.

Análise do corpus

A partir da análise do corpus, foi elaborada a tabela abaixo, que apresenta o percentual dos erros encontrados nos textos dos alunos. Com exceção de uma categoria, *Letras Parecidas*, todas as outras figuram como tipos de erros dos alunos. Algumas com pouca recorrência; outras, porém, com percentuais alarmantes. Vejamos:

TABELA 2

TOTAL DE ERROS		
TIPOS DE ERROS	QUANTIDADE	PERCENTUAL (%)
1. Representações múltiplas	140	19,18
2. Apoio na oralidade	18	2,46
3. Omissão de letras	107	14,65
4. Junção ou separação de letra não convencional	24	3,3
5. Confusão entre terminações <i>am</i> x <i>ão</i>	11	1,51
6. Generalização de regras	27	3,7
7. Trocas surda/sonoras	7	1
8. Acréscimo de letras	61	7
9. Letras parecidas	0	0

10. Inversão de letras	2	0,3
11. Uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas	59	8,1
12. Acentuação indevida, falta de acentuação.	212	29
13. Uso indevido ou não-uso do hífen	48	6,6
14. Separação em sílaba indevida	4	0,5
15. Desconhecimento de regra	8	1,1
16. Outras trocas	12	1,6
TOTAL	740	100

O que se constata na tabela acima é que 62,83% dos erros concentram-se em apenas três categorias: *Acentuação indevida/Falta de acentuação* (29%), *Representações múltiplas* (19,18%) e *Omissão de letras* (14,65%). Vale ressaltar que *Zorzi (1988)* relaciona *Representações múltiplas* e *Omissão de letras* entre os três principais problemas para os alunos em fase de aquisição da escrita.

Em primeiro lugar, no índice de erros cometidos pelos alunos, está o problema com a *Acentuação gráfica*. Esse critério, embora não fora arrolado por *Zorzi (1988)*, em seu estudo, revela ser um dado curioso nessa nossa análise porque um número significativo de alunos apresenta dificuldades no reconhecimento da sílaba tônica. Parte deles não sabe nem sequer o que venha a ser a sílaba tônica de uma palavra. Outra parte tem algum conhecimento sobre tonicidade, mas não consegue identificar na palavra qual sílaba é a tônica. Além disso, desconhecem as regras de acentuação gráfica, não acentuando as palavras ou acentuando-as de forma aleatória.

Em segundo lugar, está o problema da *Representação múltipla*. Chama-me a atenção a quantidade de erros decorrentes do desconhecimento das regras de representação dos fonemas

nos textos analisados na pesquisa. Muitos alunos não sabem usar com propriedade as letras que representam mais de um fonema ou como é representado um fonema que pode ser grafado por letras diversas. As ocorrências são várias, mas talvez o problema de representação do fonema /s/ seja o mais recorrente. Não obstante, um caso que se destaca é o uso da letra C. Alguns alunos usam indiscriminadamente essa letra sem darem conta de que sua representação varia de acordo com as vogais que a acompanha, ou seja, esses alunos não distinguem a representação do fonema /k/ do fonema /s/. De modo que escrevem **Mocâmbique* em vez de *Moçambique* ou **afanco* em vez de *avanço*.

Em terceiro lugar na lista, aparece o problema de *Omissão de letras*. Embora os alunos já tenham completado, em média, dez anos de vida escolar, alguns deles não grafam com todas as letras muitas das palavras que escrevem. Um grande número de omissão de letras deve-se ao apoio na oralidade, sendo comum a omissão da letra R no final de verbos no infinitivo. Mas também ocorre de o ditongo simplesmente deixar de existir (desperdício/desperdiço), a perda do H inicial (hábito/ abito) ou, ainda, o desaparecimento de dígrafos (adolescência/ adolecencia; cresce/ crese), dentre outros.

Por fim, aparecem os casos com menos de 10% do total de erros encontrados nos textos. Dentre eles, pode-se destacar o *Acréscimo de letras* (7%) e *Uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas* (8,1%); *Uso indevido ou não-uso do hífen* (6,6%), *Junção ou separação de letra não convencional* (3,3%) e *Generalização de regras* (3,7%). Dessas, destaca-se *Uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas*. Não pela quantidade (8,1%), mas por se tratar de erros primários que infringem regras básicas e são corrigidos incessantemente desde o início da alfabetização.

As demais classificações dos erros têm índices abaixo dos 3%. São elas: *Apoio na oralidade* (2,46); *Trocas surdas/sonoras* (1,0%); *Outras trocas* (1,6%); *Confusão entre terminações am x ão* (1,51%); *Desconhecimento de regra* (0,81%); *Separação em sílaba indevida* (0,5%) e, finalmente, *Inversão de letras* (0,3%).

Como se pode observar ao compararmos os tipos de erros descritos na *Tabela 1*, podemos dizer que, em maior ou menor grau, os alunos do 1º ano do Ensino Médio, arrolados nessa pesquisa, apresentam problemas idênticos aos dos alunos de 1ª a 4ª série pesquisados por ZORZI (1998). O que nos permite afirmar que esses alunos, mesmo com maior tempo de escolarização, ainda não completaram o processo de aquisição e desenvolvimento da escrita e não se apropriaram satisfatoriamente do sistema ortográfico da Língua Portuguesa.

Isso se deve a uma desastrosa tríade na realidade escolar brasileira: o sistema educacional, o equívoco quanto à teoria construtivista e o engano quanto à teoria linguística.

Motivado por modernas teorias pedagógicas, o sistema educacional brasileiro passou por mudanças que resultaram em inestimáveis avanços, mas também trouxeram resultados amargos para a educação.

Podemos afirmar que um dos avanços do ensino brasileiro foi o fim da “cultura de reprovação”. Essa era uma prática injusta, pois se reprovava muito apenas por reprovar, atravancava o sistema educacional e infringia aos alunos o castigo de repetição contínua, não lhes dando o direito de uma avaliação qualitativa capaz de considerar o educando como um ser único, com uma história particular e idiossincrásica. Todavia, nessa história não há apenas sucessos. Não se pode negar que, ao diminuir o déficit educacional no país - outra conquista que merece destaque - perdeu-se em qualidade de ensino. O problema de falta de vagas nas escolas, resultado de baixos investimentos em educação, elevado índice de repetência, dentre outros, foi resolvido em parte pela “aprovação automática”. Exige-se o mínimo do aluno e facilita-lhe o avanço à série seguinte, mesmo sabendo que ele acumulará deficiências e dificilmente desenvolverá habilidades necessárias para a conclusão de uma série, ciclo ou grau. Isso resulta nos baixos índices de competência escolar que vemos divulgados constantemente na mídia.

Os outros dois motivos dizem respeito ao duplo equívoco: quanto à Teoria Construtivista e quanto à Teoria Linguística. Sem demorarmos em análises, gostaríamos de levantar um ponto importante de cada um desses enganos.

No que tange a Teoria Construtivista, percebe-se uma prática equivocada por partes de muitos professores, sobretudo em relação à ortografia, pois, nas séries iniciais, houve uma má interpretação da teoria no que diz respeito à aquisição do sistema de escrita. Por muito tempo, acreditava-se que, como era necessário abandonar as fórmulas tradicionais do ensino de ortografia, não havia necessidade de seu ensino; como se a criança por si só, exposta ao universo da escrita, conseguisse apreender assimilar e fixar as mais diversas regras ortográficas. Quanto à Teoria Linguística, a história não é muito diferente. Nas séries finais, houve má interpretação da teoria no que diz respeito à sistematização do ensino da Língua Portuguesa. Como se acreditou que a produção e entendimento do texto não passa necessariamente pelo ensino da gramática, perdeu-se na fixação do sistema ortográfico, que, por sua vez, já não tinha sido bem adquirido, nem bem assimilado nas séries iniciais. Como

resultado, forma-se cidadãos despreparados, que não conseguem escrever corretamente as palavras das quais faz uso no seu dia-a-dia.

Considerações Finais

Neste trabalho, a análise dos textos dos alunos do 1º ano revela um histórico, no mínimo, curioso. Por um lado, não é de se esperar que as habilidades de alunos prestes a prestar exames vestibulares e outros concursos sejam comparadas às de alunos em fase inicial de alfabetização. Pior que isso é saber que muitos concluirão o Ensino Médio sem vencer o processo de aquisição e desenvolvimento da escrita, completando os estudos sem mesmo saber escrever corretamente segundo a norma padrão. Por outro, não há como deixar de repensar o papel do professor nesse processo de aprendizagem. Não que seja necessário encontrar um bode expiatório, mas precisa-se de uma nova postura em relação a problema que parece aumentar com o passar dos anos.

A nossa impressão é de que, em meio a novas teorias, o ensino de ortografia perdeu o seu valor, e a correção ortográfica já não ocupa um lugar de destaque como deveria. Se este é o caso, parece-nos necessário rever a nossa postura em relação ao ensino da ortografia, dando oportunidade aos alunos de aprenderem na escola aquilo que não será ensinado em casa ou em outro lugar.

Acreditamos que o ensino de ortografia não se restringe a algumas aulas ou a algumas séries, mas deve sempre permear todo o processo educacional. A todo o momento, temos de sanar as dificuldades apresentadas pelos alunos, corrigir-lhes os erros e levá-los sempre à reflexão sobre a língua, uma vez que as propriedades regulares e irregulares da nossa ortografia exigem muito mais que uma simples memorização.

Não obstante, faz-se necessário que o ensino da ortografia leve o aluno a tomar consciência de que existem palavras que exigem a consulta a fontes autorizadas e o esforço de memorização, bem como o ajude a inferir sobre os princípios de geração da escrita convencional, a partir da explicitação das regularidades do sistema ortográfico.

Por fim, temos de nos conscientizarmos que ainda depende de nós, professores, o empenho para reversão do quadro desesperador que temos hoje, pois o ensino de ortografia, mais do que qualquer outro, quase que se restringe ao espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Daniel. *Análise de variações ortográficas*. Revista Presença Pedagógica, Belo Horizonte, março/abril. 1995

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília. 144p.

GUIMARÃES, Marisa Rosa. Um estudo sobre Aquisição da ortografia nas séries iniciais, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, UFPel, Pelotas, 2005. disponível no site http://www.ufpel.edu.br/fae/ppge/arquivos/File/teses_e_dissertacoes/marisa_carlota_rosa_gui_maraes.pdf

MORAIS, Artur Gomes de (Org.) *O aprendizado da ortografia*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 139 p.

MORAIS, Artur Gomes de. *Ortografia: ensinar e aprender*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000. 128 p

ZORZI, Jaime Luiz. *Aprender a escrever: uma apropriação do sistema ortográfico*. São Paulo: Artes médicas, 1998.